

Índice

PRIMEIRA PARTE. <i>Uma península, estirando-se pelo Atlântico adentro</i>	13
SEGUNDA PARTE. <i>Exatamente o mesmo sítio onde, milénios depois, Liam se postará à espera que o pai reapareça</i>	127
TERCEIRA PARTE. <i>Navegar os vastos oceanos</i>	243
QUARTA PARTE. <i>Para lá dos limites do mundo cartografado</i>	305
Agradecimentos	437

PRIMEIRA PARTE

Uma península, estirando-se pelo Atlântico adentro

O pai foi sempre um homem de poucas palavras. Mesmo quando Liam estiver do outro lado do mundo, com um novo nome e roupas estranhas, diante de uma comissão de homens de mantos compridos, vindos para o julgar, conseguirá recordar-se do espantoso dia que tornou o pai loquaz.

A manhã fora longa, Liam e o pai tinham saído de madrugada. Uma brisa de noroeste fustiga-os há horas, meticulosa na tarefa que se impôs de lhes arrancar o barrete da cabeça e lançar sobre eles uma saraivada de água. Liam posiciona-se num outeiro, como ele lhe chamaria, ou num *drumlin* ou *tulach*, como diz o pai, segurando na ponta da corrente e no bastão topográfico com as mãos roxas do frio. Ele é franzino, de calças curtas e casaco herdado que a mãe já coseu e voltou a coser uma série de vezes. Os remendos dela, com os rebordos esgarçados, têm, aos olhos de Liam, o aspeto fascinante de selos do correio. Ele gosta de esfregar os pontos, marcas de paciência e devoção maternas, com o polegar. À noite, quando o vê pendurado num cabide, imagina que o casaco parte através da escuridão numa viagem por oceanos e montanhas, levado pelos selos sem rosto e sem pátria da sua mãe. Ele não contaria isso a vivalma: com dez anos, apercebeu-se recentemente de que esse tipo de fantasia não deve ser partilhado.

O ano é 1865, e o lugar, um estreito promontório envolto de ambos os lados por enseadas frias e azuis: uma península, estirando-se pelo Atlântico adentro, qual mão suplicante, o pedaço mais ocidental da Europa antes de se render às gélidas correntes cruzadas de um vasto oceano. Enquanto espera, naquele outeiro, quase arrastado por rajadas salinas, Liam leva a mão ao cotovelo e mexe e remexe no canto do remendo; há um alto minúsculo nesse ponto, onde a mãe teve de dar dois nós no fio de cerzir, coisa que ele sabe que ela detesta fazer.

Um ruído súbito sobressalta-o. O pai, na outra ponta da corrente de agrimensor, a vinte ou trinta metros, reduzido pela distância a um bonequinho, como os que as irmãs fazem com restos de tecidos, está a gritar-lhe alguma coisa — o que o professor de Liam designaria por imperativo —, mas a brisa voraz rouba-lhe as palavras. Liam endireita as costas, desejoso de mostrar que está atento. O pai gesticula, agita o braço. Estará a mandá-lo endireitar a corrente ou mover o bastão? É o que costuma gritar a Liam.

O menino ajusta o bastão com uma mão e puxa os pesados elos da corrente com a outra. O pai continua a gritar do seu outeiro correspondente, sem parar de se mexer, acenando com o tripé. Liam aguarda, sentindo a ansiedade correr-lhe no peito. Vê o pai largar os instrumentos e encaminhar-se a passos largos para ele. Lambe o sal dos lábios e tenta não tremer. O pai não gosta de o ver afetado pelo clima: considera-o um sinal de fraqueza num homem.

Que vê Tomás enquanto caminha do cume de um *drumlin* até ao outro (contando as passadas, como é seu hábito)? A figura molhada do seu único filho, segurando fielmente no bastão, uma criança que lhe é muito querida e que talvez daí a pouco ele leve de volta para o alojamento, porque não está tempo para andar na rua e é uma pessoa demasiado jovem para o trabalho que lhe confiaram.

Quem lhe dera que assim fosse.

Sentindo a encosta do primeiro *drumlin* nivelar-se debaixo das suas botas e, logo depois, a vertente do segundo começar a elevá-lo,

Tomás só vê uma coisa: uma inclinação de cerca de 1:3, um relevo topológico causado por atividade glaciária, um vale escavado e forçado a submeter-se a uma forma em U pela força lenta do gelo, à sua esquerda a estrutura vertical de um afloramento rochoso alto, provavelmente de origem vulcânica, uma extensão macia de morena. E, no meio dessa abundância de pormenores cartográficos, encontra-se uma marca acinzentada irregular que não pertence ali: humana, pequena, de joelhos nus, barrete debaixo do qual se vê cabelo cor de moedas de cobre, e um bastão inclinado num ângulo ineficaz.

Inesperadamente, o seu olhar, ao varrer a paisagem, detém-se numa estranha fissura na encosta mais a sul. Forrada por um bosque denso, do qual flui um ribeiro de tamanho razoável, é uma característica geográfica que não aparece no mapa existente, e recai em Tomás a responsabilidade de a medir e mapear para a devida revisão.

Tomás suspira. Tira o barrete e usa-o para enxugar a humidade da testa. Não sente o frio, não se importa com a chuva. Sou à prova de água, diz ele com gosto aos soldados de casaca escarlate que o contrataram para o seu grande projeto de mapeamento. Os casacas-vermelhas, que vêm do outro lado da água, arreganham os dentes num sorriso e enrolam os mapas e desenhos que ele cria. Tomás é-lhes útil, ele sabe que é, não tanto pelas suas competências em topografia e desenho técnico — gente não falta do outro lado da água capaz de fazer essas coisas —, mas porque é mais difícil encontrar alguém que tenha essas aptidões e seja capaz de falar com os habitantes locais na língua deles. Tomás pode estar identificado nas contas e livros-mestres como «trabalhador», mas os soldados não passam sem ele. É o único da divisão capaz de medir e calcular, desenhar esboços de mapas pormenorizados a tinta para os gravadores copiarem, e também conversar com as pessoas sobre onde ficam as fronteiras, a quem pertence cada terreno, como se chama este vale ou aquele penhasco e porquê, onde estarão as ruínas de determinado edifício. Só ele é capaz de interpretar uma fiada polissilábica compreensível apenas para quem ali vive há gerações: ele transforma *a-encruzilhada-debaixo-do-penhasco-onde-em-tempos-uma-sarai-*

vada-matou-um-galo em «Encruzilhada do Penhasco» e transforma *a-praia-onde-os-caracóis-marinheiros-amarelos-se-juntam-na-primavera* em «Angra Amarela». Numa tenda montada num campo ou numa praça, os sapadores e topógrafos dos casacas-vermelhas reúnem-se atrás de Tomás, meio à escuta, enquanto ele negocia com uma mole de gente um acordo toponímico relativo a uma montanha a que as pessoas que vivem nas suas encostas orientais dão um nome e as que vivem a norte dão outro inteiramente diferente. Ou então deslinda de entre vários relatos transmitidos aos gritos quem foram o penúltimo e o antepenúltimo proprietários de certo terreno. A seguir, os casacas-vermelhas tomam as rédeas; levam essas revisões para as suas casernas e bases; compilam-nas; assinam com os seus nomes o trabalho de Tomás; imprimem os seus mapas e põem-nos num gabinete algures na sua cidade.

Tomás está tão imerso nos seus devaneios que, quando chega ao terreno mais alto e alguém lhe dá um toque no cotovelo, se sobressalta ao deparar com uma pessoa de pequena estatura, de rosto virado para ele, a dizer qualquer coisa.

— O quê? — berra Tomás.

Liam, o seu filho, a tremer como um cão de caça molhado, fala outra vez, mas as palavras dele são engolidas pelo nevoeiro. Tomás deixa que a criança se lhe agarre à bainha do casaco húmido enquanto ele olha em redor: aquele é um bom ponto de observação. A partir do *drumlin*, a terra estende-se em todas as direções, como se ele e o filho estivessem postados numa peça de tecido desenrolada lá do alto por uns dedos enormes e invisíveis. Estão cerca de trinta metros acima do bosque não mapeado a sul, a uma distância comparável do antigo limite de um campo assinalado por um portão a oeste, do afloramento rochoso vulcânico atrás deles, do aglomerado da aldeia — ou do que resta dela — que se vê lá em baixo. Num terreno elevado, a aproximadamente quatrocentos metros dali, ergue-se a ruína de uma casa isolada, também ausente do mapa: sem telhado, paredes expostas ao céu, como dentes a esboroarem-se, um rebento a despontar do que terá sido a frente da chaminé.

Qualquer pessoa que observasse Tomás nesse instante veria os músculos do seu maxilar contraírem-se. É uma parte necessária e desagradável da sua tarefa atual destilar em símbolos e linhas ordeiras de tinta o que ali aconteceu desde que os primeiros mapas foram traçados. Estas novas revisões devem conter um registo cartográfico da Grande Fome, a calamidade que atingiu aquela terra há mais de uma década. Tomás tem de corrigir as centenas de casas que existiam num baronato para a meia dúzia que resta; tem de apagar fila após fila de casinhas de arrendatários erguidas em propriedades de latifundiários, que foram esvaziadas e desmontadas. Os casacas-vermelhas desviam os olhos dessa tarefa; preferem nunca reconhecer a crise que atingiu o país, as perdas e privações que sofreu. Não querem inscrever essas marcas nos seus mapas, o que poderia levar a certas admissões. Tomás decidiu, porém, que os seus mapas incluirão um relato do que aconteceu, do que se perdeu, custe o que custar.

Vira as costas à casa em ruínas antes que ela se lhe imprima com demasiada força nos olhos e, sem querer, arranca o seu casaco das mãos do filho.

— Que estás tu a dizer? — irrita-se, ciente de que o menino continua a guinchar umas palavras.

— Eu perguntei — hesita o filho, e Tomás eriça-se, porque não suporta timidez nos filhos — se falta muito para acabarmos, pai. Porque...

— Para acabarmos? — retumba Tomás. — Para acabarmos? Queres saber se acabamos esta tarefa daqui a pouco? As revisões do grande mapa do...

— Não, não, eu queria dizer por hoje, pai, e não...

— ... do país inteiro? Se acabamos hoje? É isso que me estás a perguntar?

Liam morde o lábio. Mexe nervosamente no remendo do cotovelo. Tomás vê que a humidade se espalhou pelo barrete e casaco do menino, escurecendo o tecido. Vê que o cabelo brilhante dele está baço da chuva, de uma cor parda de envelopes velhos. A água escorre das pestanas, do queixo, do filho. Uma breve pontada de dor

perpassa Tomás, mas, depois, ele endireita os ombros: os soldados chegam daí a uma semana; esperam que o novo mapa daquela freguesia esteja praticamente concluído. Não há ocasião para emoções; não há tempo a perder.

— Vai para ali — diz ele, apontando, sem olhar para o menino —, para aquele bosque.

O menino pega no bastão topográfico, que se lhe mete entre os tornozelos e o faz tropeçar, mas ele endireita-se e, vacilante, desce a encosta para o arvoredo. Choupos-tremedores, sabugueiros, anota Tomás no seu caderno, bétulas, carvalhos — antigos e novos — e que estranho este sítio não constar do último mapa.

— Não está no mapa que temos, por isso vamos ter de encontrar a fonte daquele ribeiro antes de fazermos o mapeamento. Entra — grita ele para o filho, que se afasta — e diz-me o que vês.

Terá sido um erro, pergunta-se, levar o filho consigo? Mas o menino precisa de um ofício, tem de aprender uma profissão: Tomás não o deixará partir para o mundo sem perspectivas, portanto porque não treiná-lo como seu aprendiz? O cachopo é excelente a matemática e desenho técnico, mas Tomás sente resistência nele, uma parte da criança que anseia por outra coisa. É pura ingratidão, disse ele à mãe do menino. Não se interessa pelo trabalho, não se empenha.

Oh, Tomás, respondeu ela, ele ainda é jovem.

Dez anos não é jovem, retorquiu Tomás, convicto de que quando tinha dez anos...

Tomás calara-se, as palavras ficaram-lhe presas na garganta. Não gosta de descer aquele caminho vertiginoso, rumo àquela floresta especialmente negra. Tomás acredita que é sempre melhor dizer de menos do que de mais: há muitas coisas que é preferível guardar para si.

Arruma o lápis no bolso. Se a sua mulher ali estivesse, naquele *drumlin* (constituído por solo erodido e xisto solto acumulado durante a longa viagem de um glacial outrora imponente, o seu poder esmorecendo até chegar àquele ponto exato, fazendo-o largar os seus tesouros arenosos, que milagre, que revelação), se ela ali estivesse

de pé a seu lado, o xaile a proteger-lhe o cabelo da chuva, ele sabe exatamente o que ela diria. Sê mais amável para ele, fala com mais brandura, e ele dar-te-á ouvidos. E teria razão, claro.

Com o punho, Tomás coça o queixo áspero da barba a despontar. O problema é que há tanto trabalho para fazer, tantas notas para tirar no terreno, tantos erros para corrigir, tanta História para preservar. Vê-se como o homem amaldiçoado do conto — que um visitante lhes leu, uma vez —, que todos os dias era obrigado a empurrar um pedregulho colina acima e todas as noites o pedregulho rolava até lá abaixo. Ainda se lembra da história, do livro com uma encadernação de couro vermelho numas mãos enluvadas, enquanto eles se aconchegavam uns nos outros, nos bancos; desde então, sente-se intrigado e repellido por ela. Consegue imaginar a textura do pedregulho nas palmas das mãos; acha que seria de granito e é capaz de sentir as reluzentes partículas de mica a picarem-lhe as palmas enquanto se esforça por imobilizar a rocha com o ombro. Consegue imaginar o declive exato da colina, a pressão que teria de exercer sobre o pé de trás, contraindo os gémeos para o fincar bem no solo, fazendo força, força...

Os seus pensamentos são cerceados pela lembrança de que o filho já deve ter chegado ao bosque. Tomás desperta do seu devaneio com um estremeção quase visível: porque é que deixou os seus pensamentos seguirem caminhos tão fantasiosos? Protege os olhos com a mão e perscruta a neblina.

Liam percorre penosamente a distância até ao aglomerado de árvores aninhado num côncavo entre duas colinas. Olha para trás, verificando se o pai o observa, mas só vê uma silhueta esquelética gravada contra um céu líquido e instável. Num invulgar ato de rebeldia, Liam atira o bastão de topógrafo para o chão. Está farto de o carregar, farto até aos dentes de trás.

Avança para o bosque, falando mentalmente com a irmã, Enda, que não chega a ser um ano mais velha do que ele: farto até aos dentes de trás, diz-lhe. Devias ver a maneira como ele me dá ordens,

como se eu fosse um burro de carga ou um cão, e manda-me sair com um temporal que nem te passa pela cabeça.

Enda ficara profundamente desiludida por não a terem levado naquela expedição cartográfica, mas o pai disse que não era trabalho para uma rapariga. Liam dir-lhe-á, quando voltarem, que ela é que teve sorte em ficar em casa. Ele explora os dentes de trás que estão a nascer, enquanto passa entre os primeiros troncos de árvore, sentindo os cotos duros e perlados irromperem das suas gengivas rosadas e doridas.

De repente, detém-se. Mais tarde, nessa noite, perguntar-se-á porquê. Foi ele que parou ou alguma coisa o deteve? Qual das duas foi?

O tipo de luz no interior do bosque é de imediato diferente, verdejante e lustroso, cintilando ao sabor do trémulo dossel de folhas. Desaparece o vento, bem como a chuva implacável. Ele está rodeado e envolto, como se tivesse entrado na estufa secreta de um gigante. Liam levanta os olhos: as copas das árvores separam-se e entrechocam na brisa, revelando e escondendo o céu opalino. Vê as folhas em ponta de seta de um choupo-tremedor emaranharem-se na folhagem de rebordo ondeado de um carvalho, vergando-se juntos como conspiradores. Sob os seus pés, o solo está esponjoso de humidade. As folhas em decomposição ressumam da terra; sugam as solas das suas botas, agarram-se a elas. Liam olha para baixo e vê que uma camada espessa e luxuriante de musgo, reluzente e num tom esmeralda-vivo, recobre tudo: as bossas de pedras, os compridos cilindros de ramos caídos, o leque nervurado de raízes, montículos não identificados que fazem lembrar pães de forma ou tocas de animais. Ou pequeninas campas.

A mente de Liam anda à roda, fugindo espavorida desse pensamento. Campas, não, não, ali não. Quem enterraria uma criança, ou muitas crianças, ali, naquela floresta erma e encharcada? Ele sabe, claro, os tempos terríveis que o país passou, quando foi assolado pela Grande Fome, o que aconteceu há pouco mais do que a sua breve vida, sabe das inúmeras pessoas que morreram à fome e foram enterradas em valas por aquela terra fora, e das restantes levadas em

navios-caixão. Aqueles montículos são demasiado pequenos, demasiado, para serem crianças humanas. E com certeza ninguém enterriaria naquele lugar tão solitário os seus filhotes pequeninos mortos à fome. Pois não?

Tenta comandar o cérebro, tenta formar o tipo de pensamentos que o pai — que, de repente, lhe parece muito distante naquela cumeada — queria que ele tivesse. Força-se a dizer floresta em voz alta, apesar de ter a boca tão cerrada que não consegue empurrar as sílabas para fora dos lábios. Mista. Umas árvores têm à vontade centenas de anos, talvez mais de um metro de diâmetro. Carvalhos e freixos e...

Seriam campas? Liam dá um passo arrastado para o interior do bosque, e mais um, prestando muita atenção a onde põe os pés. Só na terra, por favor, terra firme. Sente uma coisa pegajosa e encharcada roçar-lhe na barriga da perna, como uma mão suplicante molhada, e solta um grito.

É só a fronde de um feto, enrolada num punhozinho verde, mas a maneira como o seu grito continua a ecoar no arvoredado não ajuda em nada a acalmar os receios que se apoderaram dele. A toda a sua volta, vê que os fetos o chamam, as suas lanças perfurando o musgo na vertical, sem deixarem que os seus cachos pesados e asfixiantes as detenham.

Tenta pensar em árvores. Carvalhos, freixos, brotos e espécimes maduros. Apercebe-se de que está a ouvir chapinhar e gorgolejar: água. Qual é a palavra que o pai usa? Irrigação. Terá de relatar isso ao pai, daí a pouco, daí a meia hora, quando quer que saia dali: uma série de ribeiros, dirá, talvez uma fonte ou...

Atrás dele, inesperadamente, surge um som tão parecido com riso humano que, por um instante, Liam se convence de que a irmã está ali, que por um qualquer conjunto peculiar de circunstâncias a mãe cedeu e mandou Enda no encalce deles, e que ela conseguiu localizá-lo; aproximou-se dele pelas costas e está a troçar dos seus receios, a zombar da sua cobardia.

Liam gira sobre os calcanhares. A irmã vai estar ali, vai estar.